

19. Trocando os Cavalos

morte na família / a posse do clinton / adam e larry solicitam um novo cantor / tudo que o don henley não gosta / bono e edge no teatro thalia / desabotoando o vôo do fascismo / o que o presidente disse ao primeiro ministro

Existem dois importantes eventos marcados para acontecer nos Estados Unidos no final de janeiro de 1993. O juramento de Bill Clinton como presidente em Washington e o jantar de despedida que o U2 dará para Ellen Darst, em Nova York.

Embora o U2, como banda, não se sentir confortável em aceitar o convite para assistir ao juramento de Clinton, Paul McGuinness e sua esposa, Kathy, vão. No último minuto, Adam e Larry decidem se juntar a eles. Eles chegam em Washington e participam de diversas festas e confraternizações junto com todos os convidados, famosos e dignitários que se amontoam na cidade para a cerimônia e para os eventos que se seguem depois disso. Paul se encontra com alguns dos seus contatos Democratas e está tendo bons momentos exercendo o seu poder mediador entre aqueles políticos, quando lhe chega a notícia de que o seu irmão mais novo havia falecido repentinamente de insuficiência cardíaca.

Paul, atordoado, começa a organizar um vôo de volta para a Irlanda. É uma terrível reencenação de uma tragédia do passado. Treze anos antes, quando o U2 estava preparando o seu primeiro álbum, o jovem empresário voou para a América para o seu primeiro encontro com Frank Barsalona para discutir se o agente assumiria o U2. Quando o seu avião aterrisou em Nova York, Paul recebeu a notícia de que seu pai tinha acabado de falecer de ataque cardíaco. Ele teve que cancelar a reunião com Barsalona e entrar imediatamente em outro avião de volta para a Irlanda. Nas duas vezes em que seus familiares morreram, ele estava na América tratando de negócios. E tendo os dois falecidos da mesma maneira - o seu irmão mais novo ainda não tinha quarenta anos - inevitavelmente fez com que Paul se perguntasse se ele não estaria marcado pela lista negra da hereditariedade. Ele vai, faz suas malas e vai direto para o aeroporto. Ele perderá a posse presidencial; o jantar de despedida de Ellen terá que ser remarcado. Ele voltará para casa para o funeral, e para um luto em particular.

Adam e Larry foram deixados sozinhos, mas a fama deles é seu ingresso para várias festas. Onde quer que vão, as pessoas os abordam, se apresentam e os convidam para algum outro lugar. Em um clube eles se deparam com o Michael Stipe e com o Mike Mills do R.E.M., outra metade de uma banda que estava envolvida com a campanha de eleitores e estão aqui para a posse. Stipe diz a Adam e Larry que ele vai cantar com o 10,000 Maniacs no baile inaugural televisionado pela MTV, e que ele e o Mills estão pensando em fazer uma versão acústica de "One" - será que o Larry e o Adam gostariam de tocar com eles?

Larry e Adam olham um para o outro, hesitam um pouco, e explicam que eles realmente não tinham ido pra lá pra se apresentarem. Mas após umas duas horas de socialização e celebração, a relutância deles não resistiu e eles concordam em fazê-lo. E ainda mais, é uma música do U2. Eles têm o Michael para cantar, o Larry na bateria e dois baixistas. O Mills se oferece para tocar guitarra. Também parece logisticamente mais fácil se o Larry tocar congas ao invés de uma bateria completa. "Simplifique, não complique", disse Larry. "Há uma grande chance disso dar errado, mas

se eu tocar congas, não será muito alto, e podemos conseguir uma boa mixagem na TV". Eles se reunirão na tarde seguinte e ensaiarão. Agora, tudo o que eles precisam é de um nome. Eles combinam o título do mais recente álbum do R.E.M., *Automatic/or the People*, com o mais recente do U2 e surgiu o *Automatic Baby*.

A manhã seguinte está linda em Washington - ensolarada e clara. A segurança é tão pesada que parece uma zona de guerra, mas o clima é bem festivo - e há tantos vendedores de lembrancinhas nas ruas - que parece um carnaval. Eu cometi o erro de esperar um pouco demais para atravessar a rua para o Capitólio para o início da cerimônia, e tive que enganar um policial que mandava todo mundo esperar, ficar atrás das cordas, porque a carreta do presidente estava chegando. Bem, é claro que eu não vou arriscar ser preso, então eu passo por baixo da corda, dou a volta no policial e atravesso a rua. Quando eu chego às tendas, onde há os detectores de metais que você tem que passar no caminho para o gramado onde a posse irá acontecer, eu me viro para ver se estou sendo perseguido e, ao invés disso, vejo a limusine presidencial passar ao meu lado. As pessoas se amontoam atrás da corda para ver o Bill Clinton acenando pela janela traseira esquerda da limusine. Vejo George Bush do lado direito. As pessoas atrás das cordas veem Al Gore sorrir e fazer sinal positivo com os polegares. Eu vejo Dan Quayle deprimido pressionando sua cabeça contra a janela, olhando tristemente para o espaço vazio.

A cerimônia está sendo genuinamente contagiante. Um pódio repleto de altos funcionários do governo dos EUA e dignitários visitantes estava situado debaixo da cúpula do Capitólio, que estava sendo iluminado por um brilhante sol de inverno. Talvez seja apenas a pompa, talvez seja uma associação com a infância, mas eu estou mais emocionado com isso do que quando assisti à *Old Yeller*¹.

Bono, assistindo pela TV, se emociona com a súplica do Reverendo Bill Graham e com o poema lido por Maya Angelou no qual o solo da América implora que seus habitantes não estudem mais a guerra e aprendam a canção que o Criador ensinou para a terra "antes que o cinismo se torne uma marca sangrenta a queimar em sua frente".

Na verdade, Bono reuniu coragem para enviar uma carta para Clinton elucidando sua teoria sobre a necessidade de que o novo presidente faça um discurso de expiação. Os assessores de Clinton telefonaram e disseram que Bill adorou a carta e que talvez queira citá-la, mas isso não acontece. Bono supôs que não era possível para o presidente fazer o tipo de ato público de arrependimento que ele havia sugerido; isso só levaria as pessoas a dizer: "Você quer fazer as pazes os índios? Ok, devolva a terra". Mas assistindo aos discursos pela TV na Europa, Bono sente que Graham e Angelou tinham tocado nos pontos importantes.

Graham diz em sua súplica: "Não podemos dizer que somos um povo justo, porque não somos. Nós pecamos contra Ti. Nós jogamos nossas sementes ao vento e agora estamos colhendo um turbilhão de crimes, abuso de drogas, racismo, imoralidade e injustiça social. Precisamos nos arrepender de nossos pecados e nos voltar para a fé no Senhor".

¹ *Old Yeller* (em português, *O Meu Melhor Companheiro*) é um filme de drama americano de 1957 produzido por Walt Disney. É sobre um menino e um cachorro vadio no pós- Guerra Civil do Texas. O pequeno Arliss (Kevin Cocoran) acha um cãozinho perdido na fazenda de sua família e resolver dar abrigo, mesmo com a resistência do irmão mais velho, Travis (Tommy Kirk). Logo, o cão passa a ser muito amado pela família, mas o seu tempo entre a família pode não durar muito.

Depois de fazer seu juramento de posse, Clinton faz um discurso que trata do fim do velho mundo (“Eu agradeço aos milhões de homens e mulheres cuja persistência e sacrifício triunfaram sobre a depressão, o fascismo e o comunismo. Hoje, uma geração que emergiu das sombras da Guerra Fria assume novas responsabilidades em um mundo aquecido pelo calor da liberdade, mas ainda ameaçado pelo antigo ódio e por novas pragas”) e do nascimento de um novo (“Os meios de comunicação e o comércio são globais, o investimento é móvel, a tecnologia é quase mágica e a ambição por uma vida melhor agora é universal... Forças profundas e poderosas estão sacudindo e refazendo nosso mundo. E a questão urgente da nossa era é se podemos operar mudanças em nossos amigos e não em nossos inimigos.”).

Quando a cerimônia terminou, as pessoas caminharam desordenadamente pelo gramado como se não estivessem preparadas para deixar o campo. “O que mais me impressionou”, diz Larry com seu costumeiro cinismo, “e acho que isso acontece em todas as inaugurações, foi que houve uma grande dose de emoção. Acho que particularmente dessa vez, porque havia uma presença maciça de negros. Houve um sentimento real de mudança. Eu percebi que várias pessoas mais velhas estavam incrivelmente emocionadas, havia lágrimas. Eu não estou acostumado com isso. Eu não sei nada sobre como o sistema funciona. Mas do ponto de vista de um observador, foi algo que eu não esquecerei. Há pessoas aqui que realmente acreditam que isso vai mudar as coisas. Quando ele fez o juramento havia lágrimas escorrendo pelos rostos das pessoas. Foi bem tocante”. Ele faz uma pausa e diz: “Havia algo lá. Eu senti isso de verdade”.

No entanto, Larry ainda tem sentimentos ambíguos sobre o estranho envolvimento do U2 com Clinton durante a campanha e sobre a zombaria com George Bush durante os shows na América.

“Eu não tinha certeza se isso era algo em que devêssemos estar envolvidos”, ele disse. “Havia opiniões diferentes na banda sobre estarmos envolvidos, sobre o fato de usarmos George Bush. Eu estava um pouco preocupado com isso. Eu sou naturalmente cauteloso. Eu ainda não tenho certeza se aquilo foi a coisa certa a fazer. Eu gostei da campanha, foi muito interessante vê-la por uma perspectiva diferente. Encontrar Bill Clinton foi bom. Ele pareceu como ainda parece a todos. Parece ser um cara legal. Mas eu não vivo na América. Eu não tenho que viver sob as políticas administrativas dele. É por isso que isso me preocupava. Nós não vivemos aqui. Nós o estamos apoiando? O que exatamente estamos fazendo? E a verdade é que isso era um gesto ambíguo. Nós não estávamos o apoiando oficialmente e contudo, por outro lado, estávamos dizendo *Sim, ele é legal*”.

“E zombando de Bush”, eu o lembrei.

“Sim”, diz Larry. “Foi tudo um pouco estranho”.

“Eu desconfio muito de um presidente dos EUA que anda por aí com estrelas do rock”, Adam diz. “Mas na época Clinton não sabia que ia se tornar o presidente. É incrível como ele pôde fazer isso e ser eleito. Os velhos da Rússia, da Inglaterra e da China nunca conseguiriam. Os líderes coloridos da Europa sempre fizeram e sempre o farão”.

Caminhando em volta do Congresso Americano enquanto a multidão se dispersa, percebemos uma repentina rajada de vento quando um helicóptero da marinha alça vôo. Lá na janela, olhando para baixo e acenando, está George Bush sendo levado embora.

A medida que o dia avança, as festividades evoluem desde o profundo até o tolo. Minhas duas favoritas são assistir aos convidados da inauguração enlouquecerem com o ator Henry Winkler (“Fonzie! Olá, Fonzie! Assina isso para mim, Fonzie!”) e a ovação que acompanha o Presidente e a senhora Clinton enquanto eles caminham pelo último trecho da rota de seu longo desfile do Capitólio para o seu novo local, do outro lado, em frente a Casa Branca. Quando as pessoas, nas arquibancadas exclusivas, montadas no lado mais distante do lugar do presidente percebem que ele vai se sentar sem acenar para eles, todas elas gritam: “Mais uma quadra! Mais uma quadra!” Bill e Hilary ouvem e voltam para fazer um grande aceno e sorrir e fazer reverências presidenciais. Eles ainda fazem mais essa: Bill toca o ombro de Hillary, cochicha algo em seu ouvido e aponta a um diferente ponto na arquibancada de convidados e então ela se surpreende e acena para o lugar apontado, como se eles tivessem acabado de notar o Mais Importante Convidado de Todos. Eles fazem isso mais ou menos a cada trinta segundos.

Depois do desfile, os Clinton se embonecam para o baile da posse. No momento em que eles chegam e cumprimentam a multidão na festa da MTV, Adam, Larry, Mike e Michael tem "One" tão bem preparada que é melhor Bono se cuidar para não o aposentarem. O pessoal da MTV está altamente empolgado por esse triunfo, e está claro que a apresentação será somente esta noite, por isso as metades dessas duas superbandas, deveria fechar a noite com sua única canção. A única questão desconfortável que é levantada é: quem vai dizer a Don Henley, que era o anunciado número de encerramento, que alguém mais virá depois dele? Isso é como na turnê da Anistia de novo!

Agora, você pode pensar que isso não é grande coisa. Você pode dizer: *Então, Henley faz o seu show inaugural, como planejado, e então os outros caras aparecem, como um pequeno bis, e cantam "One" - qual o problema?* O problema é que Don Henley pode ser um grande cantor, um bom compositor e um baterista bonitão, mas Don Henley não é um cara fácil. Ele é conhecido por ter chiliques porque a arrumadeira do hotel pendurou o rolo de papel higiênico com a ponta para fora, ao invés de para dentro. Ele é, para dizer educadamente, um perfeccionista. Ele não, para dizer gentilmente, leva desaforo para casa. Ele era, para colocar isso de forma cármica, em outra vida, o professor de ginástica que fazia toda a classe ficar depois da aula enquanto o gordinho da turma não subisse até o topo da corda.

Esta noite Henley, o ex vocalista do Eagles, parece estar levando essa apresentação tão a sério, que alguém suspeitaria que ele está tendo a impressão que essa performance no baile da MTV determinará se Clinton irá ou não o indicar como Secretário da Justiça. Ele havia preparado uma espécie de palestra musical sobre estudos sociais para os jovens, culminando com uma performance de “Democracy”, de Leonard Cohen. Tom Freston, simpático CEO da MTV, é avisado por seus subordinados que, como chefe, ele tem a desagradável tarefa de dizer a Henley que essa super-banda R.E.M./U2 irá fazer o encerramento do show.

Eu não gostaria de estar no lugar de Freston! Alguns anos atrás eu dirigi com Henley de Cincinnati até Detroit e me lembro dele balançando a cabeça por conta de algumas novidades no mundo da música que *ele simplesmente não entendia* (no meu entender o que ele realmente queria dizer era que *ele simplesmente não gostava*): uma delas era o U2 a outra era o R.E.M. e a terceira era a MTV.

Freston vai até Henley e diz: Veja, Don. Você faz sua apresentação completa, encerra o show, então, depois que os aplausos terminarem esses outros caras aparecerão e apresentarão "One" como conclusão.

Henley fica pálido - ele parece abalado. Ele lembra Freston que o combinado era ele encerrar o show. Então ele se vira, entra em seu camarim e fecha a porta. Freston é deixado encarando a porta fechada, imaginando se ele deveria bater, quando alguém aparece, entrega a ele um telefone portátil e diz que há uma ligação. Freston atende e é repreendido por Irving Azoff, o poderoso empresário de Henley, dizendo a ele que cometeu um grande erro e que agora Don não se apresentará. Enquanto Freston está dizendo: *Ahh, que isso*, e tentando negociar, ele ouve uma voz anunciando: "O Vice-Presidente dos Estados Unidos e a senhora Gore!" e de repente os funcionários da MTV estão empurrando Freston, gritando que *Ele tem que subir e saudar os Gore agora*. Freston está tentando explicar sua situação para Azoff, dizendo: "Irving, eu terei que te ligar de volta, o Vice-Presidente está aqui", e Azoff está exigindo saber quem é mais importante, o Vice-Presidente ou Irving, e a equipe da MTV empurra Freston ao encontro dos sorridentes Gore ouvindo o *click* de Azoff desligando o telefone.

Então, Automatic Baby foi antes de Don Henley, e executa "One" da maneira mais bonita como nunca havia sido apresentada antes. Quando essa música apareceu no estúdio em Berlim, ela parecia quase como um presente dizendo aos perturbados membros do U2 que eles podiam confiar uns nos outros e baixar a guarda. Depois, ela se tornou a peça central de um álbum sobre as desavenças de um casamento. Como um single em benefício da luta contra a AIDS, ela falou das possibilidades de reconciliação entre aqueles que odeiam os gays e as vítimas desse ódio. Foi a canção que trouxe Axl Rose para a perspectiva do U2 e que reconciliou David Wojnarowicz com sua família pouco antes de sua morte.

Durante as gravações do vídeo no Nell em Nova York, "One" foi uma fonte de besteiras e risadas. Mas hoje a noite, no baile inaugural televisionado, quando o Stipe canta: "We're one but we're not the same, we get to carry each other" ("Nós somos um, mas não somos o mesmo, nós temos que carregar um ao outro"), ele está usando a música para tentar - mesmo sem esperança - implorar por uma mudança e fazer uma promessa para todo esse país.

Esse é um peso muito grande para uma música carregar! "One" é uma canção muito poderosa.

Enquanto uma metade do U2 está tocando para celebrar a democracia nos Estados Unidos, a outra metade está tocando-a para impedir o fascismo na Europa. Bono e Edge, acompanhados pelo violinista indiano, Shankar, estão cantando "One" no teatro Thalia, em Hamburgo, na Alemanha.

Eles foram convidados por Vanessa Redgrave, atriz e ativista, para se apresentarem em uma noite contra o fascismo no Thalia. Também estavam lá o escritor Gunter Grass, o ator Harvey Keitel, o poeta e ativista nativo americano John Trudell (que declarou: "No que me diz respeito, quando Cristovão Colombo chegou à América ele estava usando um uniforme fascista"), o velho amigo Kris Kristofferson, e o diretor Robert Wilson, que está em Hamburgo para as filmagens da nova versão de *The Black Rider*, com o roteiro de William Burroughs e música de Tom Waits.

Bono foi ver o *The Black River*, também no Thalia, e com todos os esforços para seguir a tradução em alemão dos escritores americanos, o terror do conto folclórico alemão sobrenatural reaparece. Na história, um jovem homem deve ser aprovado em um teste de tiro ao alvo para poder se casar com a filha do capitão. O diabo se oferece para ajudar o garoto, lhe dando balas mágicas que, conforme garantiu, irá atingir qualquer coisa que ele mirasse - exceto por uma bala, que atingirá o alvo secreto do diabo. O jovem rapaz fez o acordo, e a bala do diabo matou a sua noiva (que negro

coração decidiu que o Burroughs deveria adaptar essa história?). O ator Dominique Horwitz interpreta o diabo - chamado Pegleg - como um sorridente demônio, mais parecido com um artista de cabaré alemão do que um Mefistófeles tradicional. O show termina com Pegleg sozinho no palco, usando um smoking, cantando, como um animador de clube noturno, a sentimental “The Last Rose of Summer”, do Wait.

Um tipo diferente de diabo assombra a noite antifascista no Thalia, onde Bono faz um discurso sobre o quão perigoso é esse engatinhar do Nazismo na nova Europa: “Nós estamos unidos não apenas porque somos contra o fascismo, não apenas porque somos principalmente europeus, mas porque como artistas, cineatas, escritores, tomos nós trabalhamos no reino da imaginação e sabemos qual é a nossa melhor arma. Sugiro que é um erro nosso imaginar que ambos permitiram, seja na arte ou em outras esferas, que esses últimos movimentos tenham chegado a esse lugar”.

“A incapacidade de calçar os sapatos de outra pessoa é o ponto principal da intolerância”. No seu romance *The Book of Evidence*, o autor irlandês John Banville, mostra o narrador e assassino confessando o crime imperdoável de ter falhado ao imaginar como era ser a sua vítima. ‘Eu poderia matá-la’, ele diz, ‘porque para mim, ela não estava viva’. Se queremos desafiar o ódio, uma imaginação poderosa é primordial.

“Como sobreviventes do Holocausto, tanto Hannah Arendt quanto Primo Levi, nos imploraram para ‘contar as nossas histórias’”. E nós devemos, não apenas tornar reais os oprimidos e os opressores. Não apenas para acabar com a ideia da separação, que nós entendemos melhor. Não apenas para não nos esquecermos! Nós contamos as nossas histórias para colocar carne e sangue nas novas idéias - e para fazê-las funcionar, assim como a companhia de teatro do Thalia faz por cento e cinquenta anos com tanta inteligência e estilo. Para eles, eu gostaria de dizer Muito Obrigado.

“Nós precisamos pintar quadros e ver eles se mexerem. Eu penso nas telas do Helmut Hartzfeld, que mudou o seu nome para John Hartfield em protesto contra os nazistas. Eu penso nos dadaístas de Berlim, cujo movimento abriu o zíper das calças engomadas dos fascistas, expondo-os como sérios - seriamente dolorosos - uns imbecis. Próximo do veneno você irá encontrar a cura. Assim como um antídoto, o humor, o riso é a evidência da liberdade. Eu penso na escuridão da negra comédia de Gunter Grass, a *The Call of the Toads*, ou no filme de Volker Schlöndorff sobre o romance *The Tin Drum* do Grass. Foi de um filme do Mel Brooks chamado *The Producers*, que o U2 pegou o nome do seu último álbum. No bizarro musical, um oficial da S.S. recebe um cumprimento: ‘Achtung, baby!’ (‘Cuidado bebê!’) ao que ele responde: ‘Zefuhrer would never say baby!’ (‘O nosso fuhrer nunca diria bebê!’). Está correto. O fuhrer nunca iria dizer bebê. Nós somos escritores, artistas, atores, cientistas. Eu gostaria que fossemos comediantes. Provavelmente surtiríamos mais efeito. ‘Ridicularize o diabo e ele irá fugir de ti’. ‘Temer o diabo levará à sua adoração’. De qualquer maneira, para tudo isso: imaginação. Para contar as nossas histórias, pintar quadros, se mexer e ficar parado, mas acima de tudo vislumbrar outra maneira de ser. Porque nós precisamos descrever o tipo de mundo no qual vivemos, nós precisamos sonhar com o tipo de mundo que queremos viver. No caso de uma banda de rock & roll isso é sonhar em voz alta, em alto volume, levar isso ao máximo. Porque nós adormecemos no conforto da nossa liberdade.

O rock & roll é para alguns de nós um tipo de despertador. Nos acorda para sonhar! Isso me impediu de me tornar cínico em momentos cínicos. Com certeza, esse é o cinismo herdado do nosso pensamento político e econômico que contribui bastante para o desespero dos anos 90.

“Os fascistas, ao menos, reconhecem o vazio, sua pseudo-força os conduz à uma reação que parece ser *sem nenhuma* liderança, sua análise simplista do racismo como sendo o que aflige a economia e pelo qual há tanto desemprego como uma reação à confusa insensatez do nosso governo, que nem mesmo o mais inteligente entre nós consegue entender...”

“Fascismo diz respeito à controle. Eles sabem o que não iremos admitir: que as coisas estão fora de controle. Começamos este século com tantas ideias competitivas sobre como deveríamos viver juntos. Nós o terminamos com pouquíssimas”.

“O machismo - e é o machismo - da Nova Direita tem muito a ver com a impotência de um eleitorado que acha que, de qualquer forma, só têm uma verdadeira escolha. Tem muito a ver com uma sociedade consumista que iguala a masculinidade ao poder aquisitivo. Machismo é uma noção elusiva, distorcida, porém feita acessível e concreta pelos nazistas. Nós não deveríamos subestimar isso. Os fascistas alimentam a cultura jovem, e se quisermos superá-los, devemos entender seu sex appeal, ou para o que eles são atraídos. E qual é o nosso atrativo? Os neonazistas têm um idealismo pervertido, mas nós temos algum idealismo? Em qual base nos apoiamos politicamente? Economicamente? Espiritualmente?”

“Eu não sei, mas sei que nos livros de história a democracia é excentricidade”.

“A democracia é uma coisa frágil e, embora ela tenha sido inventada pelos gregos, eles nunca puderam vivenciá-la. A ideia judaico-cristã de que todos os homens são iguais perante os olhos de Deus foi reprimida por toda parte. Isso elevou sua peculiar liderança. Obviamente, esse não é um problema alemão. De fato, nós olhamos para pessoas que sobreviveram não a um, mas a dois regimes totalitários nos últimos 60 anos. As centenas e milhares que participaram da marcha à luz de velas por todo país no mês passado enviaram um sinal para o resto de nós que, a Alemanha ‘não permitirá que isso aconteça de novo’. Mas para isso você precisa de nosso apoio, porque, embora seja ótimo enfrentar a escuridão com a luz, é melhor tornar a luz mais brilhante”.

“Eu gostaria de agradecer a Vanessa Redgrave e agradecer a vocês por estar ouvindo. Boa noite”.

De volta à Irlanda, os jornais relatam que quando o Primeiro Ministro Albert Reynolds foi apresentado ao presidente Clinton, o presidente lhe disse que “aquele maravilhoso grupo U2” desempenhou um papel importante na sua eleição. Bono fica assustado quando ouve isso. Ou Clinton está dando mais crédito à banda do que eles merecem, ou está usando o U2 como um atalho para impulsionar toda a campanha do *Rock the Vote*¹, ou está usando sua apresentação ao líder irlandês como uma ocasião para demonstrar uma habilidade de bajular. Os jornais dizem que Clinton disse à Reynolds que ele esteve tentando descobrir o sobrenome de Bono. “Depois de uma hora com ele, eu percebi que ele não tinha um, mas isso não importava”.

¹ Rock the Vote é uma organização sem fins lucrativos, um grupo progressista nos Estados Unidos cuja missão declarada é “engajar e construir o poder político dos jovens”. A organização foi fundada em 1990 pelo vice-presidente da Virgin Records America, Jeff Ayeroff, para incentivar os jovens a votar. Ele é voltado para aumentar o número de votação entre os eleitores com idades entre 18 e 24 anos. Rock the Vote é conhecido por seus porta-vozes famosos e sua parceria com a MTV.

